




A Chave de Luneta, de Primo Levi (2021)

[10.29073/naus.v7i1.894](https://doi.org/10.29073/naus.v7i1.894)

Recebido: 2 de fevereiro de 2024.

Aprovado: 24 de junho de 2024.

Publicado: 27 de junho de 2024.

Autor/a: Alexandra Correira , NOVA FCSH, Portugal, alexandra.correia@ibn-mucana.pt.

“O ato de pensar e de agir, de forma criativa e autónoma, está inscrito em todas as áreas da atividade humana, desde os fundamentos da linguagem até à divisão do trabalho — e em todas as esferas relevantes da vida.”

(Varela e Della Santa, 2023)

A Chave de Luneta, obra literária do escritor italiano Primo Levi (1919–1987), publicada em Itália em 1978, representante da literatura de testemunho, do século XX, oferece-nos, um extraordinário enredo sobre diversas «esferas relevantes da vida». O seu olhar, de cientista e de escritor, conduz-nos a lugares de encontro e interação entre pensamento científico e narrativa, entre memória e história, entre diferentes culturas, entre o individual e o coletivo. Sem dúvida, uma mensagem humanista, multicultural e universalista, “o mundo é bonito, porque é variado”.

Primo Levi foi um dos sobreviventes do holocausto, do campo de concentração Auschwitz-Birkenau e, como tal, a sua experiência traumática levou-o a escrever, como intérprete de si mesmo. Assim, esta obra é um documento para o estudo de certos aspetos da alma humana, contribuindo, também, para os campos da Literatura, Filosofia, Memória Social, Política e Sociologia.

A narrativa é constituída por diálogos entre dois personagens italianos, que se conhecem na Rússia, na cantina para estrangeiros de uma fábrica, onde se encontravam a trabalhar. Um ego e um alter ego. Dois homens, três ofícios. Ambos com os mesmos elos: viagens, trabalho e liberdade.

O encontro, entre o cientista químico que é, simultaneamente, um aprendiz de escritor, narrador com arte de ouvinte, que se identifica com o próprio autor, Primo Levi, e Libertino Faussonne, mecânico, montador de estruturas, que narra com arte as suas histórias e aventuras, é o ponto de partida para uma reflexão sobre a temática do trabalho, livre, bem feito, capaz de engrandecer aquele que o pratica.

Esta conceção de “trabalho” é um contraponto à mensagem inscrita à entrada do Campo de Auschwitz: “Arbeit Macht Frei” (“O trabalho liberta”¹), irónica e cruel, onde aqueles que entravam e eram submetidos ao trabalho forçado, dificilmente voltariam a ser livres.

Faussonne é um trabalhador-viajante, que escolhe sair pelo mundo, de Ocidente a Oriente, erguendo construções e instalações com a sua Chave de Luneta, ferramenta de trabalho. Este protagonista constrói andaimes em forma de torre, pontes, barragens e túneis, tal como muitos técnicos italianos, que ao longo dos anos 60 e 70, viajaram, enquanto representantes do crescimento da indústria e da economia, em Itália.

Faussonne revela, através da sua profissão, a sua identidade, evidenciando os valores, as expectativas, as práticas, a dedicação, a responsabilidade e o entusiasmo que orientam a sua vida.

O protagonista compara o trabalho ao primeiro amor e à felicidade: “O problema é que dou a alma em todos os trabalhos, o senhor sabe, até nos mais estúpidos: aliás, quanto mais estúpidos, mais eu me entrego. Para mim, cada trabalho que começo é como um primeiro amor” (p. 48).

¹ Levi, P. (1998). *Se isto é um homem* (1.ª ed.). Dom Quixote.



É importante salientar a etimologia da palavra trabalho, assim como algumas das principais aceções que a mesma tem adquirido ao longo da história. «Trabalho» vem do latim *tripalium*, que significa «três paus». O termo era usado para nomear um instrumento de tortura, formado por três estacas de madeira afiadas. Deste modo, o trabalho era visto como um castigo ou como uma atividade indigna para os homens livres.

Ao longo dos tempos, a humanidade desenvolveu diferentes modos de trabalho, entre eles o primitivo, o escravo, o feudal, o capitalista e o socialista, em que cada um reflete as características históricas, políticas, sociais e económicas de cada sociedade. Por exemplo, no trabalho primitivo, havia pouca divisão do trabalho e os indivíduos ocupavam posições de poder iguais. No trabalho escravo, os homens e mulheres eram considerados propriedade privada de seus senhores e realizavam serviços manuais exaustivos. No trabalho feudal, os servos trabalhavam nas terras dos senhores feudais em troca de proteção e de uma parte da produção. No trabalho capitalista, os trabalhadores vendem a sua força de trabalho em troca de um salário e estão sujeitos às leis do mercado. No trabalho socialista, os trabalhadores são donos dos meios de produção e buscam uma sociedade mais igualitária.

Todavia, existe outra origem etimológica da palavra «trabalho», que deriva da palavra latina *labor*. A raiz latina é comumente encontrada em palavras relacionadas com trabalho, como “laborioso” (trabalhador, esforçado) e “laboratório” (local de trabalho).

A diferença entre trabalho e *labor* é que o trabalho surge como uma atividade racional, que envolve organização, estratégia e criatividade, enquanto o *labor* é uma atividade física, que envolve esforço, sofrimento e repetição. O trabalho produz valor de troca, ou seja, o trabalho é uma mercadoria que pode ser vendida ou comprada. O *labor* produz valor de uso, ou seja, o *labor* é um meio para satisfazer as necessidades humanas.

Ambas as palavras são conceitos usados por diferentes pensadores, para analisar as relações sociais, políticas e económicas que envolvem o trabalho humano.

Primo Levi afirma:

“[...] amar o próprio trabalho (que infelizmente é privilégio de poucos) constitui a melhor aproximação concreta à felicidade terrena: mas esta é uma verdade que poucos conhecem. [...] acontece que as pessoas que mais falam [...] são precisamente aquelas que menos a percorreram. [...] como se quem sabe trabalhar fosse por definição um servo, e como se, inversamente, quem não sabe trabalhar, ou trabalha mal, fosse por essa mesma razão um homem livre.” (p. 100)

Faussone refere que “queria ver outros países, trabalhar com gosto, não ter vergonha do dinheiro que ganho, e consegui o que queria. Claro que há prós e contras [...]” (p.40).

Karl Marx² usou o conceito de trabalho para criticar a exploração capitalista, que aliena os operários do produto e do processo de seu trabalho.

Hannah Arendt³ usou o conceito de *labor* para distinguir as atividades vitais, que garantem a sobrevivência humana, e as atividades políticas, que garantem a sua liberdade.

Os modelos e concepções, contemporâneos, de trabalho revestem-se desta dualidade, negativa e positiva. Na sua versão negativa, segundo Marx, o sistema capitalista é visto como uma forma de tortura, sacrifício e clausura, relacionado com a subordinação, que valoriza mais o produto final do que o processo de produção e o esforço

² 1818–1883, filósofo, economista e teórico político alemão, obra *O Capital*.

³ 1906–1975, Hanna Arendt foi uma filósofa política alemã de origem judaica, que se tornou um dos grandes nomes do pensamento político contemporâneo. Estudou os regimes totalitários, a banalidade do mal, a condição humana, a revolução e a democracia. Foi uma refugiada do nazismo, que lhe tirou a nacionalidade alemã, tendo adquirido a norte-americana em 1951.



do trabalhador. O ideal marxista defende que o trabalho ou labor deve valorizar o processo e a construção da produção, denunciando a corrupção do sistema de exploração perversa da força de trabalho dos sujeitos sociais.

De acordo com a professora e historiadora Raquel Varela e o cientista social e investigador Roberto Della Santa, o mundo no qual vivemos:

“[...] está dividido hierarquicamente entre aqueles que concebem e os que executam, entre quem se apropria do trabalho alheio e quem produz a riqueza social, entre quem governa e quem é governado. O mundo, infelizmente, vem sendo assim há muito tempo, mas Brecht diria, com razão, «muito tempo não é sempre».” (p. 18, no Prefácio de *Breve História de Portugal*, 2023)

Primo Levi confirma que se quem governa: “[...] é daqueles que quer mostrar aos gatos como se trepa, [...] Enfim, é maçador, não nos dá a nossa independência. E se uma pessoa não se sente independente no trabalho, então adeus, desaparece todo o prazer, [...]” (p. 51).

O trabalho nasce entre a espontaneidade de tudo o que é original e criativo e o conhecimento, resultado científico da experiência, e é a partir dele que o homem produz a sua existência.

Indubitavelmente que o *etos*⁴ do trabalho intelectual, manual e técnico é um dos elementos estruturantes desta obra.

A Chave de Luneta é uma «construção», monumento literário, em que o trabalho humano, além de edificante, torna o homem livre, onde a clausura cede lugar à liberdade e à possibilidade de ir e vir. Os relatos das viagens e experiências, vividas por Faussone, são a vida que se renova, em cada projeto realizado e construído, em cada novo espaço visitado.

Em *A Chave de Luneta*, a conceção de trabalho é bastante interessante e humanizadora, visto que este contribui para a realização plena dos homens, conforme se pode ler em algumas afirmações de ambas as personagens:

“[...] os nossos três ofícios, os meus dois e o seu, nos seus melhores dias podem dar-nos um sentimento de plenitude. O seu ofício e o ofício de químico, que se lhe assemelha, porque nos ensinam a sermos inteiros, a pensar com as mãos e com o corpo todo [...] e ensinam, por fim, a conhecer a matéria e a enfrentá-la. E o ofício de escrever, porque concede alguns momentos de criação [...]” (p. 173)

E “[...] o termo «liberdade» tem notoriamente muitos sentidos, mas talvez o tipo de liberdade mais acessível, mais subjetivamente gozado, e mais útil à sociedade humana, coincide com sermos competentes no próprio trabalho, e, portanto, em sentirmos prazer ao desempenhá-lo.” (p. 173).

O montador de treliças⁵ e o químico-escritor demonstram de que maneira a cabeça e as mãos estão ligadas, e de que forma as atividades intelectuais ou manuais não se podem dissociar do ato de pensar ou de criar, permitindo ao homem o seu próprio aperfeiçoamento. Fazer algo bem feito só por fazê-lo, é uma capacidade ao alcance da maioria dos seres humanos, apesar de na sociedade moderna essa habilidade não ser valorizada.

Para o químico de vernizes, narrador-ouvinte, a chave para a liberdade é a arte de escrever, a força criadora, capaz de produzir algo novo, a partir de uma narrativa, neste caso de tradição oral:

“De facto, como há uma arte de narrar, solidamente codificada ao longo de mil provas e erros, do mesmo modo há uma arte da escuta, igualmente antiga e nobre, para a qual, no entanto, ao que eu saiba, nunca foi formulada uma norma. Entretanto, cada narrador sabe por experiência que a cada narração o ouvinte acrescenta uma contribuição decisiva [...]” (p. 47)

⁴ Palavra grega: valor moral, ética, atitudes.

⁵ Em engenharia é um sistema de cruzamento de vigas usado no travejamento de pontes e telhados.



Para o narrador Faussone, a chave para a Liberdade é confirmada através do nome da personagem Libertino:

“O meu nome Tino, quer dizer Libertino. Na verdade, o meu pai, quando foi registar-me, queria que eu me chamasse Libero [...] O meu pai queria chamar-me Libero, porque queria que eu fosse livre. [...] para ele, livre queria dizer não trabalhar sobre as ordens de um patrão [...] não numa fábrica fazendo para o resto da vida os mesmos gestos agarrados à linha de montagem até ao dia em que já não serve para nada e lhe dão a liquidação e a reforma para se sentar nos bancos.” (p. 101)

A família quis chamá-lo de Libero, mas foi impedida pelo regime fascista. Libertino é, de qualquer forma, um elogio à liberdade (que se concretiza nas muitas viagens realizadas).

Contudo, Faussone, o apelido, deriva de *faus*, palavra que em dialeto piemontês significa falso. Se a liberdade está presente no nome desta personagem, a questão do falso também não é menos verdadeira. Se em inúmeras páginas do livro de Primo Levi, o que é feito e produzido pelo homem passa a ter um valor e a significar liberdade, não é menos verdade que o trabalho, experimentado pelo autor noutras circunstâncias, remete para os horrores vividos no Campo de Trabalho nazi e para a servidão “De qualquer forma, digo-lhe, nunca aceitei trabalhos na Alemanha, é uma terra que nunca me agradou” p. 21 ou “[...] em tempos longínquos, também eu me envolvi com os deuses nas suas quezílias; eu também tinha encontrado as serpentes no meu caminho, e este encontro fez-me mudar de condição” (p. 67).

A noção central de trabalho, que atravessa toda a obra, situa-se já numa sociedade de crescente individualização e constante mudança, “[...] e assim chega a vontade de mudar de trabalho. [...]” (p. 55), onde as pessoas têm mais liberdade para fazer escolhas, mas também carregam a responsabilidade por essas escolhas, “[...] alguém como eu não pode constituir família, nem ter amigos. E, talvez, até os faça, os amigos, mas duram tanto quanto dura o estaleiro [...]” (p. 40).

Primo Levi sugere que a alienação no trabalho também existe e pode “debilitar e estorvar o *homo faber*, o homem fabricante” (p. 55).

A ideia de que os seres humanos são *homo faber* está relacionada com o papel fundamental da atividade produtiva na realização do potencial humano. Hannah Arendt, no século XX, desenvolveu esta ideia, especialmente na obra *A Condição Humana* (1958). Arendt explorou as diferentes atividades humanas, como o trabalho, a ação e o pensamento, e como elas contribuem para a condição humana. Ela enfatizou a distinção entre trabalho (trabalho necessário para a sobrevivência), ação (atividades políticas e interações sociais) e contemplação (pensamento).

Hannah Arendt retomou as ideias de Aristóteles⁶, na obra *Política*, em que a natureza humana existe em relação às atividades práticas e produtivas. O filósofo grego destaca a importância da ação prática (práxis) e da produção (poiesis) na vida humana.

De acordo com Primo Levi, é necessário, ser uma testemunha, seja a partir do ponto de vista daquele que a vivenciou ou daquele que a observou:

“Uma montagem é um trabalho que cada um deve estudar por conta própria, com a própria cabeça, e sobretudo com duas mãos: porque faz muita diferença ver as coisas de uma poltrona ou do alto de uma torre de quarenta metros.” Seja como for, “a única solução era pensar” (p. 79).

Contudo, também contrapõe:

“As coisas que as pessoas pensam quando ousam julgar sem refletir sobre questões fora do seu campo de competência! Atribuir as responsabilidades em conformidade com as competências? Mas estamos

⁶ 384–322 a.C., filósofo grego, discípulo de Platão.



a brincar? Seria de ver se esse sistema conseguiria ser tolerado pelos montadores, e mais complicado seria se aplicado noutras atividades bem mais subtis e complexas.” (p. 83)

“Deve o educador tomar [...] como modelo a pelicana, que se depena e se despe para tornar mais macio o ninho das suas crias, ou a ursa, que as encoraja a trepar até ao cimo dos abetos e depois as abandona lá em cima e vira costas sem voltar para trás? Qual é o melhor modelo didático: o da têmpera⁷ ou do revenimento⁸? [...] e depois de três mil anos de discussão ainda não se sabe bem qual é o melhor.” (p. 97)

Historicamente, o conceito de educação integral é extenso e apresenta diversas interpretações. Aristóteles, Marx, Freinet⁹, e Gramsci¹⁰ são figuras importantes no contexto da teoria social e educacional, cada um dando a sua contribuição, de maneira significativa, para diferentes aspetos do pensamento social, político e pedagógico.

A visão Aristotélica da educação continua a ser considerada uma base importante para o pensamento educacional do ocidente. Na sua obra *Política* e nos seus ensaios sobre ética, Aristóteles vê a educação como um meio para preparar o homem para viver em sociedade, desenvolvendo as suas potencialidades físicas, intelectuais e morais. A ética e a participação política são valorizadas e o método dialético é um elemento essencial da educação, com vista a formar cidadãos virtuosos que promovam o bem comum e a excelência em todas as áreas da vida.

Marx analisa a educação como um reflexo e um instrumento do sistema capitalista, que reproduz as desigualdades e as relações de classe na sociedade. Este teórico defende uma educação crítica e emancipadora, que contribua para a superação do capitalismo e a construção do socialismo. Terry Eagleton¹¹, em *Versões de cultura*, p. 36, defende a mesma teoria: a cultura popular é uma forma de energia criativa da classe operária, que poderá transfigurar a ordem social, de que ela própria é produto.

Freinet propõe uma educação centrada no aluno, que valorize a sua experiência, a sua participação e a sua cooperação, através de métodos educacionais práticos e inovadores, que estimulem a criatividade, a autonomia e a cidadania, com o objetivo de tornar a educação libertadora, capaz de romper com os modelos tradicionais e autoritários.

Gramsci concebe a educação como um instrumento de emancipação social, que contribua para a formação da hegemonia cultural das classes populares, defendendo a escola unitária, que equilibre o trabalho e a cultura, e que forme cidadãos críticos e conscientes das relações de poder na sociedade.

Piaget¹² propõe a educação como um processo de construção do conhecimento, que respeite o desenvolvimento cognitivo das crianças. Na sua abordagem construtivista, o papel ativo, criativo e descobridor dos alunos é valorizado e é aquele que proporciona experiências educacionais desafiadoras e significativas.

Todos, de alguma maneira, reforçam a ideia de uma educação *omnilateral* (expressão de Frigotto¹³, 2012), cujo termo vem do latim e cuja tradução literal significa “todos os lados ou dimensões”.

A educação *omnilateral* é uma conceção de educação que visa o desenvolvimento integral e emancipador do ser humano, em todas as suas dimensões e sentidos. Este tipo de educação propõe articular a escola e a sociedade,

⁷ Têmpera — processo que aumenta a dureza e resistência do aço.

⁸ Revenimento — processo que reduz a fragilidade do aço e amplia as qualidades e a maior utilidade e tenacidade.

⁹ 1896–1966 — pedagogo francês e criador da pedagogia Freinet.

¹⁰ 1891–1937 — filósofo e teórico político italiano.

¹¹ filósofo, professor e crítico literário britânico.

¹² 1896–1980 — Psicólogo suíço conhecido por suas contribuições significativas para o campo da psicologia do desenvolvimento cognitivo.

¹³ Frigotto é um professor, filósofo e pedagogo brasileiro, que se destaca por sua teoria pedagógica da Pedagogia Histórico-Crítica. É um crítico do sistema capitalista e da educação tradicional, defendendo uma educação emancipadora, que articule o trabalho, a cultura e a cidadania.



o trabalho e a cultura, o conhecimento e a experiência, a colaboração e a participação, com o objetivo de não ser apenas transmissão de informações, mas permitir o seu acesso e a construção de conhecimentos, rompendo com a hegemonia do saber sistematizado e promovendo aprendizagens significativas e emancipadoras.

Faussone, como seu olhar crítico, questiona e afirma:

“Grande parte da instalação era de aço inoxidável, e o senhor sabe, que o aço inoxidável é um excelente material, mas não verga, quero dizer que não cede com o frio... Não sabia? Desculpe, julgava que a vocês vos ensinavam estas coisas na escola.” (p. 26)

“Na escola, ensinaram-me o côncavo e o convexo: bem, eu tornei-me um montador convexo, e os trabalhos côncavos não os quero para mim.” (p. 39)

De acordo com Dermeval Saviani¹⁴, a sistematização e a socialização do conhecimento é idealizada a partir das relações entre a teoria e a prática, em um modelo educacional que chama para si a concepção de educação integral, ressaltando que a atividade nuclear da escola e a de “propiciar aos alunos o ingresso na cultura letrada assegurando-lhes a aquisição dos instrumentos de acesso ao saber elaborado” (Saviani, 2016, p. 57).

Em *Todo o homem é filósofo*, António Gramsci afirma:

“É preciso destruir o preconceito de que a filosofia é algo muito difícil pelo facto de ser a atividade intelectual própria de uma determinada categoria de cientistas [...] é preciso demonstrar que todos os homens são filósofos [...] já que na mais simples manifestação de uma atividade intelectual, na linguagem, está contida uma determinada concepção do mundo.” (Gramsci, 2001, p. 93).

Segundo este autor, o trabalho escolar é um elemento necessário ao desenvolvimento cultural, que possibilita o desenvolvimento humano em geral. Não restam dúvidas que as produções humanas, sejam manuais ou intelectuais, são aquilo que, simultaneamente, nos torna seres sociais e que nos podem levar a destruir ou a reinventar a própria Humanidade.

“Em todos os casos, a Literatura permanece flutuando acima da vida social, cumprindo uma missão integradora.”

(Figueiredo, 2016)

Referências

- Carminati, H. B. (2020). O trabalho liberta? — Uma leitura de “A chave estrela” de Primo Levi. *Literatura Italiana Traduzida*, 1(3). <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/209918>
- Dewey, J. (1979). *Educação e democracia*. Atualidades Pedagógicas.
- Dias, M. S. (2020). A Urgência do indizível: as contribuições de Primo Levi. *USP*.
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (s.d.). <https://dicionario.priberam.org/>
- Eagleton, T. (2000). Versões de Cultura. In T. Eagleton (Ed.), *A Ideia de Cultura*. Blackwell Publishers Limited.
- Figueiredo, C. (2016). O multiculturalismo e a dialética do universal e do particular. *Estudos Avançados*, 30(87). <https://doi.org/10.1590/S0103-40142016.30870014>
- Gramsci, A. (2001). *Todo o homem é filósofo*.
- Levi, P. (1998). *Se isto é um homem* (1.ª ed.). Dom Quixote.

¹⁴ 1943–80 anos, Professor, filósofo e pedagogo brasileiro.



Levi, P. (2021). *A Chave de Luneta*. Editora Minotauro.

NOVA (s.d.). Repositório da Universidade NOVA. <https://www.unl.pt/nova/publicacoes-cientificas>

Saviani, D. (2016). Educação escolar, currículo e sociedade, in Movimento. *Revista de Educação*, (4). <https://doi.org/10.22409/mov.v0i4.296>.

Declaração Ética

Conflito de Interesse: Nada a declarar. **Financiamento:** Nada a declarar.



Todo o conteúdo da *NAUS — Revista Lusófona de Estudos Culturais e Comunicacionais* é licenciado sob [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.